A ciência confirma — 7

Coleção de artigos científicos

Андрей Тихомиров

A ciência confirma – 7. Coleção de artigos científicos

http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=68954832
ISBN 9785005972354

Аннотация

Há um debate constante entre os cientistas em torno de uma das questões mais importantes da história: quando a religião surgiu? Como um primata humano desenvolveu o pensamento abstrato e a crença em poderes sobrenaturais? Toda religião é baseada na fé, e a fé é sugestão e auto – sugestão, isto é, hipnose. A hipnose é traduzida do grego «sono», isto é, o sono do cérebro.

Содержание

Religião – fé – hipnose 5
Конец ознакомительного фрагмента. 23

A ciência confirma – 7
Coleção de artigos científicos

Editor Андрей Тихомиров

ISBN 978-5-0059-7235-4 (т. 7)
ISBN 978-5-0059-5232-5
Created with Ridero smart publishing system

Religião – fé – hipnose

Qualquer religião é baseada na fé, e fé é sugestão e auto-sugestão, isto é, hipnose. E a hipnose na tradução do grego «sono», ou seja, o sono do cérebro. E quando o cérebro está adormecido, é guiado pela sugestão de «pessoas interessadas» ou pela auto-hipnose da própria pessoa.

«Jesus disse-lhes: Por causa da vossa incredulidade; porque em verdade vos digo: se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, e disserdes a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará; e nada vos será impossível» (Mateus 17:20).

«Mas você quer saber, homem sem fundamento, que a fé sem obras é morta?» (Tiago 2:20).

A fé é sugestão e auto-sugestão, é aí que a montanha se moverá, na verdade será apenas uma ilusão, auto-engano, sugestão e auto-sugestão. Para isso, é necessário algum trabalho.

Oleg Moroz no artigo «Todas as doenças vêm da Terra», p. 161, no livro «Em nome da ciência», afirma: «Por muitos milênios, desde o início do cérebro humano, a psique, a fé tem sido uma companheira constante do homem. Acreditar fortemente em algo era quase equivalente à realização desse algo. que ele não estava bem, e ele realmente foi vencido pela doença. Bastou acreditar na recuperação – e ele se levantou do leito da doença. A questão toda é acreditar com firmeza, de verdade. Em todos os momentos houve foram pessoas que desempenharam

o papel de catalisadores neste assunto, fermento, – feiticeiros, feiticeiros, mágicos, xamãs …»

A título de exemplo, no artigo «A pedido dos deuses…", p. 61—70, no mesmo livro, referindo-se ao professor da Universidade de Princeton Julian Janes, ele considera os heróis da Ilíada de Homero, que possuem uma propriedade notável: muitas vezes os deuses tomam decisões importantes por eles.

A ação do poema começa com o fato de o líder dos aqueus, o rei Agamenon, rejeitar o pedido do «sacerdote imaculado» Chris de devolver sua filha, capturada pelos aqueus, a ele por um rico resgate. Em retaliação a tamanha audácia, o deus Apolo castiga os aqueus.

Aqui estão citações da Ilíada:

«… Rapidamente correu dos picos do Olimpo, explodindo de raiva,

Carregando um arco e uma aljava sobre os ombros, de todos os lugares

fechado…

No início, ele e os cães atacaram os Meskovs

ociosos;

Depois que se abateu sobre o povo, mortal

flechas de espinha;

Freqüentes fogueiras de cadáveres acesas constantemente

Eu me tornarei.»

Os deuses sugerem ao associado de Agamenon Aquiles (Pelida) o caminho para a salvação:

«Nove dias para o exército das flechas de Deus
voou;
No décimo dia, Pelid para a assembléia
convocou os aqueus.
A deusa soberana colocou isso em seus pensamentos
Gera:
Ela foi atormentada pela dor, vendo a morte
aqueu».

«No anfitrião» Aquiles se oferece para descobrir – por meio de «um sacerdote, ou um profeta, ou um adivinho de sonhos» – por que Apolo está com raiva. O «supremo leitor de pássaros» Calchas explica aos aqueus qual é o problema.

Agamenon concorda em dar a Chris sua filha, mas em troca ele ameaça se apropriar de outro cativo, Briseida, que é propriedade de Aquiles, sua «recompensa» – para que Aquiles entenda o quanto ele, Agamenon, está acima dele em poder.

Insultado, Aquiles é atormentado em busca de uma solução – matar imediatamente o ofensor ou se submeter.

Mais uma vez a decisão vem dos deuses:

Ele sacou sua terrível espada de sua bainha – Athena apareceu…

«Domarei sua raiva tempestuosa quando você for subjugado pelo imortal,
desceu do céu; me mandou para baixo
Hera do trono dourado…
Põe fim à contenda, Pelion, e contenta-te

coração zangado,

Com palavrões, pique, mas não toque na espada com a mão …»

Não se pode dizer que os deuses sempre deram conselhos sábios e salvadores. Sem piscar, eles dão conselhos insidiosos, atraindo para uma armadilha. Assim, Zeus, para se vingar de Agamenon por Aquiles, aconselha o líder dos aqueus a enviar tropas para Tróia, para conquistá-la: segundo o plano de Zeus, os aqueus, junto com seu líder, serão exterminados nesta guerra.

Tais episódios – quando os deuses agem como indutores – realmente permeiam todo o poema. Com base nisso, o professor J. Janes chega a uma conclusão inesperada: os antigos gregos não possuíam consciência.

«Fato incrível! ele exclama. – Os heróis da Ilíada eram na verdade autômatos. Não tomavam decisões, não faziam planos… Sempre que surgia a necessidade de tomar uma decisão, apareciam os deuses. Assim que surgia uma situação crítica, alguém ouvia suas vozes ou as via… Sem avisar, os antigos gregos realizavam atos incrivelmente ingênuos. Veja, por exemplo, o famoso episódio do cavalo de Tróia. Como alguém poderia ser seduzido por um enorme cavalo, que foi escorregado pelos inimigos?»

Os deuses realmente existiam naquela época? Janes acredita que o cérebro do homem antigo foi dividido. No hemisfério direito, a experiência acumulada e uma pista de como agir amadurecida. Foi transmitido ao hemisfério esquerdo – o órgão

do poder executivo – na forma de alucinações auditivas. O homem parecia ouvir vozes de fora. Naturalmente, ele os confundiu com as vozes dos deuses. As alucinações auditivas eram frequentemente acompanhadas por alucinações visuais. Os deuses apareceram facilmente aos filhos da Terra.

A Ilíada realmente dá origem a tais conclusões? É claro que não há menos casos no poema em que as pessoas tomam decisões independentes, sem qualquer participação dos deuses, do que casos com conselhos ditados.

Por conta própria, e não pela vontade de outra pessoa, Agamenon toma a mesma decisão que deu início a tudo – não devolver sua filha a Chris:

«… Orgulhosamente mandou embora o padre e profetizou uma palavra terrível para ele:

«Ancião, para que eu nunca o veja perante os tribunais!

Aqui e agora você não hesita e não se atreve a se mostrar novamente!

Ou nem o cetro nem a coroa de Apolo o livrarão.

não darei liberdade à virgem; ela decai em cativeiro,

Em Argos, em nossa casa, longe de você, longe da pátria —

Ignorando a tecelagem ou dividindo a cama comigo.

Afaste-se e não me irrite, mas você voltará saudável!»

Da mesma forma, sem nenhum aviso, Agamenon decide tirar Briseida de Aquiles:

«… Ele, chamando diante da face de Talphibius e Eurybat com ele,

Caluniadores e mensageiros fiéis, assim ordenados, irados:

«Venham, fiéis mensageiros, para o dossel

Aquiles Pélido;

Pegando pelas mãos, imediatamente imagine Briseis diante de mim:

Se ele não devolver, devolva – eu mesmo arrancarei:

Eu irei a ele com força, e será mais triste para os obedientes».

Quando as tropas dos aqueus e troianos convergem e se alinham uma na frente da outra, Paris, o sequestrador de Helena, decide avançar e desafiar o bravo guerreiro do exército inimigo para um combate individual. Os deuses estão em silêncio.

«… Alexandre, igual a um celestial, deu um passo à frente dos troianos,

Com couro parda na armação, com laço torto nos ombros

E com uma espada na cintura; e nas mãos de duas lanças de cobre

Orgulhosamente hesitando, ele chamou todas as Danae mais corajosas,

Saia contra ele e lute uma batalha feroz».

Do lado dos aqueus vem Menelau, o marido «legítimo» de Elena, encantado com a oportunidade de se vingar do inimigo, também não instigado por ninguém de cima. Ao vê-lo, Paris se esconde covardemente atrás das costas de seus camaradas: «Mas, assim que Priamid o viu,

Alexandre divino,

Entre os flashes da frente, seu coração tremeu;

Ele rapidamente se retirou para o grupo de amigos, evitando a morte.

Como um viajante, vendo um dragão em
desfiladeiros de montanha,
Gira para trás e em membros de horror
todos tremem,
Sai rapidamente e sua palidez
cobre as bochechas,
Então, tendo fugido, o Trojan mergulhou na multidão
orgulhoso
A maneira vermelha de Paris, temendo
filho de Atreu.

Bem, todas essas são ações humanas comuns, não dadas pelos deuses. Se fossem dados, tudo pareceria diferente.

Em uma palavra, os heróis da Ilíada agem desta e daquela maneira – tanto seguindo a voz dos deuses quanto por sua própria vontade. Seria inútil tentar calcular com que frequência. Mesmo que alguém fizesse tal cálculo (trabalho duro), os resultados definitivamente não diriam nada. Não temos motivos para nos desviar da noção usual de qual é o papel dos deuses na Ilíada. Eles são os mesmos participantes de eventos, como pessoas. Os deuses estão sujeitos às paixões humanas comuns – amor, ódio… Portanto, eles interferem incessantemente na vida humana – eles punem alguns, protegem outros, empurram as pessoas umas contra as outras… Brigas ocorrem entre eles de vez em quando. Os deuses olímpicos são habitantes quase tangíveis da Terra para

os helenos, apenas mais poderosos e não sujeitos à morte.

Não apenas os deuses cumprem sua palavra com as pessoas, mas as pessoas também com os deuses. Bem, é claro, se conselhos e ordens voam do Olimpo para terras baixas, de volta – pedidos e orações.

Aquiles implora a Tétis que interceda por ele e dê uma boa palavra a Zeus para que ele castigue Agamêmnon:

«Mãe! quando estiver forte, interceda pelo filho valente!
Agora suba ao Olimpo e ore ao todo-poderoso Zeus …»

No entanto, as pessoas às vezes dizem aos deuses exatamente como agir para satisfazer suas humildes orações humanas. Na verdade, ninguém menos que Aquiles, diz a Zeus através de Tétis, como punir Agamenon por sua honra profanada, Aquiles – para envolvê-lo na guerra com os troianos:

«Lembre isso a Zeus e ore, abraçando seus joelhos,
Que ele, pai, deseje lutar pelo povo de Pérgamo em batalhas,
Mas os argivos, pressionando os próprios navios e o mar,
Golpeie com a morte, para que os argivos desfrutem de seu rei;
Este próprio rei, o poderoso e arrogante Atrid, que ele saiba
Como ele é criminoso, o mais bravo aqueu tão desonrado.
E o Thunderer Zeus ouviu o conselho de um mortal.

Portanto, entre os deuses e as pessoas na Ilíada, como diriam agora, há uma troca de informações quase igual. Isso também é confirmado por Aquiles, dizendo a Atena, que o adverte a não entrar em conflito aberto com Agamenon:

«Você deve, ó filha de Zeus, obedecer seus comandos.

Não importa quão ardente seja minha raiva, mas a humildade será mais útil:

Quem é subjugado pelos imortais, os imortais o ouvem.

Em uma palavra, nem tudo na Ilíada é o que parece a Jaynes. Desta vez não há razão para fazer escavações arqueológicas, para procurar «Tróia» – para chegar ao fundo do que o real se esconde por trás dos conselhos e dicas dos deuses.

Mesmo assim, não estamos realmente falando sobre os deuses, mas sobre a estrutura do cérebro.

«O surgimento de um cérebro bicameral foi uma necessidade histórica», diz Jaynes. «Quando uma tribo atingia cerca de trinta membros, novas formas de comunicação e controle social se tornavam necessárias. Presumo que as alucinações do cérebro bicameral eram esse controle social. O indivíduo ouviu o verdadeiro comando do líder e o executou. E quando o governante morreu, sua voz se tornou uma alucinação. Essa voz poderia «pensar» e resolver os problemas que uma pessoa enfrentava.

Completo, isso é sério? Alucinações em vez de consciência! Como uma pessoa poderia sobreviver, estando no cativeiro de visões fantásticas, mesmo que geradas pela realidade? Afinal, ele teve que navegar na realidade a cada minuto, a cada segundo, para não perecer.

Percebendo essa fraqueza de sua teoria, Janes tenta tapar o buraco. Ele escreve que, com o tempo, as alucinações se tornaram inconvenientes para o controle humano. Ele até cita

a época em que isso aconteceu – cerca de 1480 aC. Então houve uma erupção de vulcões nas ilhas de Santorini. Uma onda gigante passou ao longo das margens do Mar Egeu, causando uma destruição terrível. Multidões de refugiados, fugindo, correram para as profundezas do continente. Nessas condições, as alucinações não podiam mais sustentar os refugiados, eles precisavam de uma forma mais realista de se orientar. E assim foi dado o ímpeto ao desenvolvimento da consciência moderna.

Mas esse patch na teoria não a ajuda muito. As erupções vulcânicas nas ilhas do Egeu foram as primeiras catástrofes que as pessoas experimentaram? Catástrofes aconteceram ao longo da existência da humanidade. É disso que estamos falando – uma pessoa foi constantemente exposta ao perigo, falha em levá-lo em conta ameaça de morte. A seleção natural e social procurava as ferramentas mais eficazes e frutíferas para controlar o comportamento de uma pessoa. É possível imaginar que ele lhe deu uma ferramenta tão inútil e sobrecarregada como alucinações?!

É surpreendente que os deuses de Homero digam a uma pessoa como se comportar? É necessário procurar alguma base real por trás dos deuses? Afinal, isso é o mesmo que ver alienígenas do espaço nos heróis de antigas lendas e mitos. O mundo mítico do homem antigo era habitado por deuses. Os deuses tinham que fazer alguma coisa. Ditar decisões importantes para uma pessoa é um papel bastante digno. Tal papel foi dado pelos mitos aos deuses.

Aqui você pode acrescentar que a erupção de Santorin ocorreu por volta de 1380 e a história sobre isso está no livro bíblico «Êxodo»: Tikhomirov A.E., Êxodo. https://ridero.ru/books/ishod_2/

E os deuses na Ilíada e em outras obras antigas são pessoas que possuem apenas grandes capacidades e tecnologias.

Para levantar a questão das premissas históricas do cristianismo, é necessário prestar atenção às características do Deus cristão, que o distinguem nitidamente dos deuses da Grécia pagã. Primeiro, no cristianismo vemos um único Deus, em contraste com a multidão de deuses do Olimpo. Em segundo lugar, o Deus cristão é o criador transcendente e governante do mundo, em contraste com os deuses gregos, que personificam as forças do mundo e estão subordinados à ordem cósmica. Mas há diferenças ainda mais sérias relacionadas à compreensão do homem e à relação entre o humano divino e o natural.

O Deus cristão é um Espírito transcendental, criando livremente não apenas a natureza, mas também o homem. Ao mesmo tempo, uma pessoa pertence apenas parcialmente à natureza, ela age principalmente como pessoa, ou seja, um «eu» sobrenatural com sua liberdade, singularidade e capacidade de criar. A personalidade é a imagem de Deus no homem. Em outras palavras, há algo divino em uma pessoa, mas esse «algo» não é uma força natural, mas a capacidade de ser uma pessoa. Assim, a cultura cristã descobre e substancia o significado absoluto da personalidade humana, da criatividade

e da liberdade. É verdade que o modo de compreender e concretizar esta descoberta espiritual foi muito diferente nas várias fases do desenvolvimento da cultura cristã.

«A fé em um Deus Todo-Poderoso tem origem no judaísmo, a religião dos antigos judeus. Essa crença expressa a trágica história do povo, descrita no Antigo Testamento, uma coleção de livros sagrados tanto para o judaísmo quanto para o cristianismo. A história do Antigo Testamento está cheia de peregrinações e esperança, a amargura do cativeiro babilônico e egípcio " (Men A. História da religião. M., 1993, vol. IV, p. 298). E, claro, tal história deu origem a uma religião fundamentalmente diferente da helênica. Os deuses da Hélade expressaram a confiança dos helenos na ordem estabelecida do universo, sua esperança de uma vida decente em um dos nichos do cosmo divino. Mas para os antigos judeus, o cosmo atual era um mundo de exílio e cativeiro. Os deuses, que personificavam as forças deste cosmos, estavam sujeitos ao seu destino, que para os judeus era malfadado. As pessoas precisavam de esperança, e somente Deus, que era o próprio criador do mundo e o governante do destino cósmico, poderia dar. Foi assim que se formou a versão original do judaísmo, a mais antiga religião monoteísta.

«O Deus dos antigos judeus, o Deus do Antigo Testamento, era um tipo do Deus cristão. A rigor, para o cristianismo é um e o mesmo Deus, só muda sua relação com o homem. Assim, a fé do Antigo Testamento é vista como uma preparação para o Novo Testamento, ou seja, a nova união do homem com Deus. E, de

fato, apesar das diferenças significativas nas idéias do Antigo e do Novo Testamento, foram os sábios do Antigo Testamento que primeiro apareceram aquelas questões espirituais que o cristianismo foi capaz de responder. Mas primeiro vamos nos debruçar sobre as diferenças " (Gurevich A. Ya. Categorias da cultura medieval. M., 1994, p. 67).

Se o Deus do Antigo Testamento se dirige a todo o povo como um todo, então o Deus do Novo Testamento se dirige a cada indivíduo. O Deus do Antigo Testamento presta muita atenção ao cumprimento de uma complexa lei religiosa e às regras da vida cotidiana, numerosos rituais que acompanham cada evento. O Deus do Novo Testamento se dirige principalmente à vida interior e à fé interior de cada pessoa.

«No entanto, já no Antigo Testamento vemos a sede de uma pessoa por um encontro genuíno com Deus e o desejo de se libertar espiritualmente da submissão ao lado externo da vida. Esses motivos são expressos principalmente no livro de Jó e no livro de Eclesiastes " (Men A. History of Religion. M., 1993, vol. V, p. 56). Esse esforço pela superação espiritual do lado externo do ser é especialmente evidente na virada de nossa era, pois o povo novamente caiu sob o domínio de estranhos, que desta vez eram os romanos. Na história do Antigo Testamento, Deus cumpriu sua promessa, deu ao povo um lugar para uma vida independente. Agora restava apenas esperar pelo Salvador, que, segundo as crenças dos antigos judeus, salvaria todo o povo e se tornaria o chefe do reino. Mas o Salvador (em grego – Cristo)

não veio, e restava apenas pensar: talvez a salvação esperada não tenha um estado nacional, mas um caráter espiritual? Este é o tipo de sermão que Jesus pregou.

«Das dúvidas sobre a confiabilidade de certos detalhes biográficos, não se pode concluir que o pregador Jesus nunca existiu como pessoa histórica. Nesse caso, o próprio surgimento do cristianismo se torna um milagre e aquele impulso espiritual que (com todas as divergências particulares) une e conduz os autores dos Evangelhos (eles foram formados no final – início dos séculos I—II dC) e une as primeiras comunidades cristãs» (Petrov M K. Fundamentos socioculturais para o desenvolvimento da ciência moderna. M., 2005, p. 40). Afinal, esse impulso espiritual é muito brilhante e poderoso para ser simplesmente o resultado de uma invenção consensual.

Os acontecimentos posteriores mostraram que o conteúdo da nova espiritualidade (e se realizou não só no sermão, mas também na própria vida de Jesus e dos seus discípulos mais próximos) tem um significado que vai muito além dos limites da pequena Judéia. Nessa época, o Império Romano foi tomado por uma crise espiritual (semântica) cada vez maior: nas vastas extensões do império, as pessoas se sentem espiritualmente perdidas, tornam-se apenas engrenagens de uma enorme máquina burocrática, sem a qual é impossível administrar o Império. Os deuses pagãos tradicionais expressavam um senso de envolvimento espiritual na vida do cosmos, cuja continuação era percebida como a vida da antiga cidade-estado (polis). Em

1—2 séculos. as primeiras comunidades cristãs perseguidas começaram a aparecer e, após a adoção do cristianismo como religião do estado no século IV em Roma, o cristianismo se tornou um explorador feudal.

O homem foi criado por Deus à «imagem e semelhança de Deus», ou seja, é uma pessoa com liberdade e capacidade criativa. A liberdade da personalidade está ligada ao fato de ela encarnar o espírito supramundano, originário do Espírito Divino. O pecado original de Adão e Eva violou a semelhança do homem com Deus e o alienou de Deus, mas a imagem de Deus permaneceu intacta no homem. Toda a história posterior é considerada pelo cristianismo como a história da reunião do homem com Deus.

O maior objetivo religioso do cristianismo é a salvação. A especificidade da compreensão cristã da salvação se expressa nos dogmas da Trindade e da Encarnação. Deus tem eternamente três pessoas iguais (pessoas:) – Pai, Filho, Espírito Santo – unidos por uma única essência divina («natureza») e tendo uma única vontade. Ao mesmo tempo, a teologia cristã exige «não confundir as pessoas e não separar as essências». O Salvador (Cristo) é uma das pessoas do único Deus (Deus Filho). Deus Filho encarna na natureza humana («encarna») e torna-se Jesus de Nazaré para expiar o pecado original e criar condições para a restauração da semelhança humana com Deus. «Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus», diziam os Padres da Igreja (embora o homem seja chamado a se tornar

Deus não «por natureza», mas «Deus pela graça»). A salvação requer esforço espiritual da pessoa e, acima de tudo, fé, mas é impossível ser salvo por conta própria, isso requer um apelo a Jesus Cristo e a intervenção efetiva do próprio Salvador. O Caminho da Salvação é o caminho para se tornar semelhante a Jesus: fusão espiritual com a personalidade de Cristo e (com Sua ajuda) purificação e transformação da própria natureza (pecaminosa), que leva a pessoa à libertação final do poder do pecado e da morte. No entanto (devido às consequências do pecado original), uma pessoa não pode escapar da morte corporal. No entanto, a alma de uma pessoa e sua personalidade (o «eu» espiritual) são imortais.

O caminho para a salvação e a vida eterna em unidade com Deus para o homem passa pela morte física; este caminho é pavimentado pela morte de cruz e pela ressurreição corporal de Jesus Cristo. A salvação só é possível no seio da Igreja, que é o «corpo de Cristo»: une os crentes em um corpo místico com a natureza humana «divinificada» e sem pecado de Cristo. Os teólogos compararam a unidade da Igreja com a unidade de cônjuges amorosos, fundindo-se com amor em uma só carne, tendo os mesmos desejos e vontade, mas preservando-se como indivíduos livres. Cristo é o cabeça deste corpo de igreja único, mas multifacetado, assim como o marido é o cabeça da união matrimonial (daí o nome próprio das freiras: «noivas de Cristo»).

A moral cristã procede do valor inerente do indivíduo (o indivíduo é a «imagem de Deus» no homem) e da ligação

inseparável entre bondade, verdade e liberdade. «… conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará», «Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado», disse Jesus (João 8:32,34). Ao mesmo tempo, o bem e a verdade se expressam não em regras formais impessoais, mas na própria pessoa de Jesus Cristo; daí a não formalização fundamental da moral cristã, que em sua essência é a moral da liberdade. Expressando a liberdade do homem, a fé verdadeiramente cristã não se baseia no medo e na dívida externa, mas no amor dirigido a Cristo e a cada pessoa como portadora da imagem de Deus.

O bem é feito por uma pessoa nos caminhos do livre-arbítrio em nome da personalidade e do amor: «Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor» (1 João 4:8). Uma aplicação diferente do livre arbítrio se transforma em sua abnegação e degradação espiritual de uma pessoa. Assim, a liberdade humana contém não só a possibilidade do bem, mas também o risco do mal. O mal é o falso uso da liberdade; a verdade da liberdade é bondade. Portanto, o mal não tem uma essência independente e se reduz apenas à negação do bem: todas as definições supostamente independentes do mal acabam sendo apenas definições do bem, tomadas com o sinal oposto.

O mal nasceu como uma decisão errada de um espírito livre, mas através da queda inicial ele se enraizou na natureza humana, «infectou-a». Daí a especificidade do ascetismo cristão: ele luta não com a própria natureza humana, mas com o princípio pecaminoso que nela vive. Em si, a natureza humana é divina

e digna de espiritualização e imortalidade (nisto o cristianismo difere do platonismo, gnosticismo e maniqueísmo). Uma ressurreição corporal espera o homem; após o Juízo Final, os justos estão destinados à imortalidade corporal em corpos novos e transfigurados. Como é difícil para uma pessoa lidar com os desejos pecaminosos enraizados em sua natureza, ela deve humilhar o orgulho e entregar sua vontade a Deus; em tal renúncia voluntária da vontade própria, a liberdade verdadeira, e não imaginária, é adquirida.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, купив полную легальную версию на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.